

## A LINGUÍSTICA TEXTUAL SOB A PERSPECTIVA BAKHTINIANA

*Lácia Maria Babia Heine\**

**RESUMO:** Este artigo objetiva transcender algumas das críticas feitas à Linguística Textual, considerando que, apesar de ter promovido revisões em função de suas diferentes fases, há limitações que devem ser discutidas. Essas reflexões ganham força a partir do final do século XX, quando o texto passa a ter como lastro a referenciação (MONDADA, 1995), o que lhe imprimiu um acentuado alicerce sociocognitivista. Contudo, observa-se ainda um apego ao código linguístico, haja vista não se encontrar, em suas análises, menção aos signos não verbais, nem uma discussão sobre o sujeito e aspectos socioideológicos. Sugere-se, então, a Fase Bakhtiniana, para qual o texto é um evento dialógico linguístico-semiótico (HEINE, 2012), o que refuta a dicotomia entre o verbal e o não verbal, refletindo sobre o sujeito, a possibilidade de a coesão e coerência ocorrerem também através de signos icônicos, revestidos de uma multiplicidade de sentidos, marcados ideologicamente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fase bakhtiniana; Ideologia; Signos icônicos; Texto.

### Introdução

A Linguística de Texto (LT) surgiu, na década de 60 do século XX, na Alemanha, em um momento em que o paradigma formal da linguagem, vigente naquela época, deixava de responder, adequadamente, a vários problemas, que foram gradativamente se instalando por uma plêiade de diferentes pesquisadores. Dentre essas questões, ilustram-se: os pragmaticistas questionavam por que Saussure se debruçou às estruturas linguísticas, excluindo, destarte, o indivíduo dos estudos linguísticos; os pesquisadores da Análise de

---

\* Doutorado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professor Associado IV da Ufba.

Discurso, em seu sentido geral, bem como os da Pragmática perguntavam: Por que o sentido provém da imanência do sistema linguístico? Na verdade, criticavam a tese da autonomia linguística, defendida pela visão formalista, que diz respeito à independência semântica do texto escrito formal, restringindo, pois, a significação aos constituintes de uma sentença e os neófitos da LT questionavam o fato de a ciência da linguística ter como objeto de estudo a *langue*, como postulava Saussure, ou a competência linguística, de Chomsky, arguindo que a linguística devia voltar-se para o estudo do texto como seu objeto de investigação linguística, sem ter como foco a identificação de morfemas e fonemas, a partir de um *corpus* limitado.

Apesar de não ter tido um desenvolvimento homogêneo, pelo fato de ter surgido em vários países, apresentando, conseqüentemente, diversas tendências para o tratamento do texto, há um senso comum em apresentar três momentos, que caracterizam as pesquisas da LT, a saber: a Análise Transfrástica (também denominada interfrástica), a Construção de Gramáticas e as Teorias do Texto.

Contudo, no final do século XX e nos primórdios do século XXI, observam-se sinais pontuais de que a LT estaria caminhando para novos momentos — a perspectiva sociocognitivo-interacionista de Koch (2004, p. 31-32), já consolidada no seio das pesquisas da LT, e a fase bakhtiniana, que vem sendo proposta por Heine, de forma sistemática desde (2009). Mas as pegadas que sustentam essa caminhada da LT ligam-se às reflexões do filósofo Bakhtin (2003), solidificando-se mais ainda em Barros (2007, p. 21), que, desde 1994, vem buscando pontuar as contribuições de Bakhtin em relação ao texto e/ou discurso, pesquisa que impele a rever os precursores *stricto sensu* da LT, incluindo, ao lado dos retóricos, da estilística, da Escola de Praga e dos formalistas russos, a obra de Bakhtin, na sua abordagem semiótico-discursiva.

## 1. Desenvolvimento do artigo

A Fase Bakhtiniana (HEINE, 2009) da LT começou a apresentar os seus primeiros embriões na transição entre os séculos XX e XXI, em especial no Brasil, quando Heine (2001) sugere, na sua tese de doutoramento, uma nova classificação da anáfora que,

finalmente, ampliava incisivamente a clássica concepção de Halliday e Hasan (1976). Nessa transição, impulsionada, direta ou indiretamente, pelo movimento da semântica gerativa e pela investigação psicolinguística de Eleanor Rosch (1978, *apud* Rosch; Mervis 1975), a LT já caminhava para uma abordagem sociocognitiva, conforme se observa no excerto textual a seguir:

texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, têm conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso (KOCH, 2004, p. 21).

Enfoque esse que endossa o processamento textual, segundo Heinemann e Viehweger (1991 *apud* KOCH, 2004, p. 21), que envolve quatro grandes sistemas de conhecimento: o linguístico (conhecimentos gramatical e lexical), o enciclopédico (compreende as informações armazenadas na memória de cada indivíduo, o sociointeracional (conhecimento sobre as ações verbais, isto é, sobre as formas de interação através da linguagem) e por último, o conhecimento ligado aos modelos textuais globais (possibilita reconhecer textos enquanto gênero ou tipo textual). Contudo, apesar de sua importância inquestionável na ciência textual, o caráter sociocognitivo-interacionista, de um modo geral, deixa espaço para novas reflexões no que tange ao sujeito, ao texto e aos processos de coerência e coesão, cujas análises prendem-se, em especial na questão coesiva, à superfície textual, ou seja, apesar dos caminhos dados pela LT, a mesma continua presa ao código linguístico. Essas reflexões pautam-se nos postulados bakhtinianos que, embora a literatura vigente da LT tenha incorporado algumas das concepções bakhtinianas, as suas pesquisas parecem não apresentar implicações resultantes das ideias do referido filósofo que, direta ou indiretamente, vêm imprimindo uma ressignificação substantiva nos seus pilares básicos, a ponto de dar respaldo teórico para o surgimento de um novo momento.

A fase bakhtiniana, apesar de concordar com as diversas as acepções de texto que o concebem enquanto processo, sugere um outro conceito, considerando questões

feitas pelos alunos, em geral professores da rede estadual da Bahia de cursos de especialização, oferecidos pela Universidade Federal da Bahia, entre 2009 e 2013. Dentre as perguntas costumeiras, destacam-se:

- Professora, é correto, nas histórias em quadrinhos, eu considerar texto apenas o código verbal?
- Professora, o texto se refere apenas à linguagem escrita?
- Professora, a interpretação do texto deve se limitar ao código linguístico?

Para responder a essas questões, foi preciso recorrer, sobretudo, ao apoio teórico bakhtiniano que, dentre as suas diferentes acepções, concebe a linguagem como atividade dialógica, eminentemente social, oriunda das efetivas práticas discursivas.

O filósofo russo introduziu, portanto, a situacionalidade de todo o fenômeno linguístico, seja literário ou conversacional, mostrando precisamente que ela só existe socialmente, referindo-se à linguagem semiótica, o que vai possibilitar o diálogo com outras linguagens, no seu sentido *lato sensu*. Por outras palavras, a análise linguística não se atém aos elementos linguísticos enquanto código, mas se volta também aos fatores semióticos, aos aspectos sócio-históricos e ideológicos que envolvem as diversas linguagens no seio social. Segundo Bakhtin (1997, p. 124), “[...] a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar. A partir do lastro bakhtiniano, chegou-se ao seguinte conceito:

Considera-se o texto como evento dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc). Assim compreendido, apresenta-se constituído de duas camadas que se imbricam mutuamente: a camada linguístico-formal, que consiste dos princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos e semióticos; e a camada histórico-ideológica, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (conhecimentos de mundo, conhecimentos

partilhados, intencionais, conhecimentos ideológicos, dentre outros) que vão alicerçar a construção desses sentidos. (HEINE, 2012)

Para melhor explicar o referido conceito de texto, recorre-se à metáfora do caleidoscópio. Esse último é um aparelho óptico, constituído por um tubo de metal, com vidros coloridos e espelhos inclinados. Quando a luz exterior incide sobre ele, a mesma reflete nos espelhos inclinados, o que faz com que, a cada movimento, sejam visualizadas diferentes imagens coloridas, mostrando que há uma profusão de possibilidades de se ver diversos desenhos no jogo de cores e espelhos. (HEINE, 2014, et al.)

(1)



(HEINE et al, 2014)

A figura anterior procura representar os diversos sentidos de um texto, isto é, as diferentes possibilidades de compreendê-lo que, à semelhança de um caleidoscópio,

quando a luz exterior incide sobre ele, processa uma profusão de diferentes imagens. É importante que não se compreenda essa imagem de forma fragmentada, considerando-a, por exemplo, apenas uma das suas partes. Ao contrário disso, o que se propõe é asseverar que o texto é composto, no mínimo, da imbricação de todos esses fenômenos explicitados no caleidoscópio ilustrado, sendo os mesmos inseparáveis uns dos outros.

Como se pode observar a partir do caleidoscópio, a LT hodierna não mais se atém aos aspectos pragmáticos ortodoxos, que buscam a construção do sentido, defendendo a tese de que ele se processa apenas a partir do contexto imediato (o lugar, os participantes e a relação que estabelecem entre si) e sobretudo da intenção do falante, excluindo a historicidade. É pertinente registrar que a LT não mais postula o sujeito pragmático de linha dura, mas um sujeito social, tal como se observa em Marcuschi:

[...] Não somos mais sujeitos cartesianos monolíticos, integrais e indivisíveis, que persistem à margem do corpo e deles desgarram como alma que volta para a divindade. Não se nega a individualidade nem a responsabilidade pessoal, mas se afirma que as formas enunciativas e as possibilidades enunciativas não emanam de um indivíduo isolado e sim de um indivíduo numa sociedade e no contexto de uma instituição. (MARCUSCHI, 2008, p. 67).

Koch (2004, p. 32-33) assevera também que, na concepção interacional (dialógica) da língua, os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, ativos. É o momento sociocognitivista interacionista, que não mais contempla, dentre outros, o referido sujeito pragmático. Entretanto, ao endossar o conhecimento sociointeracional de Heinemann e Viehweger (apud KOCH, 2004), que tem como um dos seus elementos constitutivos o conhecimento ilocucional, Koch deixa o leitor meio confuso, uma vez que o referido conhecimento é detentor do sujeito pragmático de linha dura, embora Koch deixe a sua posição clara a respeito do sujeito social.

Diferentemente do sujeito pragmático, o sujeito dialógico é ideológico e só se constrói na inter-relação com o outro, tendo uma consciência eminentemente social; por isso, não detém o traço individual, nem o de um ser livre, justamente por construir-se

através do outro, sem tomar posição unilateral. Contudo, ao apresentar a sua concepção de enunciado, Bakhtin (2003, p. 261) faz menção ao traço individual. Essa posição de Bakhtin pelo ato individual pode conduzir a interpretações distorcidas, a exemplo de se asseverar que ele considera o sujeito individual. Faraco (2009, p. 86-87) esclarece que essa menção refere-se, indubitavelmente, à singularidade do ser humano, ao “afirmar que cada ser humano ocupa um lugar único e insubstituível, na medida em que cada um responde às suas condições objetivas de modo diferente de qualquer outro” (FARACO, 2009, p. 86).

Para o referido filósofo russo, a ideologia provém das diferentes esferas sociais (a religião, a arte, a moral, a ciência, a ética, a filosofia etc.), e do signo – entidade linguístico-semiótica que, por si só, expressa sempre uma posição avaliativa, pois não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica. Na tradição, a ideologia aponta para o social, excluindo o individual, como é o caso da Análise de Discurso Peuceutiana; mas para Bakhtin, a ideologia permite que o social, o histórico e o individual se entrelacem mutuamente, ressaltando, contudo, a preponderância dos dois primeiros sobre o terceiro mas com nuances intencionais no processo discursivo, o que configura a sua face individual.

Parece ser possível asseverar que esse sucinto enfoque teórico responde às questões feitas pelos docentes do curso de especialização. No que tange às primeiras questões, na tradição, consoante Heine, Cristo, Neiva e Alvarez (2014), os livros didáticos compreendem o texto, quando constituído de linguagem verbal e linguagem não verbal, apenas a parte verbal escrita, sem observarem que as partes verbal e não verbal se completam, formando um todo de sentido, denominado texto. Esse hiato pode indicar que o alicerce teórico subjacente a esses livros concebem o texto nos moldes formais, isto é, texto enquanto código linguístico, apenas.

Quanto à última pergunta em que o professor questiona se a interpretação do texto deve se limitar ao código linguístico, a LT e outras linhas de pesquisa de cunho discursivo consideram que todo texto possui uma gama de possibilidades de sentidos, sendo, pois, o

código linguístico opaco e não transparente semanticamente, ou seja, o sentido não está nele, visto que “[...] a interpretação de um enunciado não pode levar em consideração apenas a informação linguística” (CHAREAUDEAU; MAINGUENEAU, 2004, p. 394). No diz respeito ao dialogismo, o sentido é processado entre o contexto imediato e o entorno sócio-histórico a partir de um enunciado concreto munido de ideologia. Dessa forma, o texto é tentacular, voltando-se para enunciados precedentes e consequentes historicamente, configurando a tese bakhtiniana de o enunciado ser uma correia de elos históricos da sociedade. (BAKHTIN, 2003)

A Fase Bakhtiniana, embora reconheça os avanços da LT em relação aos processos de coesão e coerência, considerando em especial Marcuschi (2001), Heine (2001) e o trabalho de Apothéloz (1995), concorda com as reflexões de Costa (2000) a seguir ilustradas:

Há [...] revisões que mantêm em grande parte o conceito e os critérios de delimitação do texto presentes em Halliday e Hasan (1976): mantêm a superfície textual como objeto de análise e procuram reformular o conceito de coesão e complementá-lo com outros de natureza igualmente formal. Essa tendência está presente nos trabalhos de Koch, Fávero, Beaugrande e Dressler [...] (COSTA, 2000).

Heine (2008-2015), pautada, sobretudo, no seu conceito de texto “como evento dialógico, linguístico-semiótico”, já vinha refletindo sobre essa questão desde 2008, concordando, pois, com Costa (2000) sobre a referida crítica de que a LT possui um certo apego ao texto enquanto código linguístico, apesar dos seus avanços, no Brasil, promovidos por Koch (2002, 2006, 2009), Marcuschi (2001), e na Europa, por Kleiber, Schnedecker e Ujma (1991), Kleiber, Mondada, Dubois (1995), dentre outros.

Segundo Costa (2000), em geral, esses linguistas procuram ampliar o leque dos recursos de coesão, estabelecendo, de modo claro, a distinção entre a coesão referencial e a coesão sequencial, mas se limitam à superfície textual, o que os aproxima de Halliday e Hasan (1976), para os quais a coesão textual limita-se ao processo de decodificação. Assim pautados, excluem, incisivamente, por exemplo, os signos icônicos, elementos consti-



tutivos do texto, do processo de referenciação, que podem atuar, ao lado dos signos verbais, como âncoras textuais, anáforas e catáforas etc.

Essas reflexões são preciosas porque encorajam Heine ainda mais ao sustento de uma nova fase da LT, aqui denominada provisoriamente de Fase Bakhtiniana. Alicerçada nesses princípios, a coesão, na Fase Bakhtiniana, finalmente, passa a considerar os elementos semióticos no processo de referenciação, tendo como argumento a concepção de texto enquanto evento linguístico-semiótico, o que possibilita a ocorrência de elementos verbais e elementos não verbais atuarem como âncora textual ou como objetos de discurso, referentes processados não somente a partir da camada linguístico-formal, mas também da camada histórico-ideológica, que envolve, em especial, o conhecimento de mundo do interlocutor (HEINE, 2011), construídos a partir da interação discursiva.

De modo sucinto, faz-se menção à noção de coerência, entendida como a compreensão de um texto, Na tradição, Koch (2006, p. 194) ressalta que “a coerência [...] não está apenas no texto, nem tampouco apenas no autor ou nos leitores, mas na interação autor-texto-leitor”. Heine (2011), embora concorde com Koch (2006), pondera, reconhece e registra que a noção de texto presente na tríade anteriormente citada deixa, nas entrelinhas, uma concepção de texto enquanto cotexto, justamente por dar a ideia de segmentação dos referidos elementos. Essa tríade pode derivar a interpretação de que o texto é código linguístico e a ele se somam autor e leitor, o que caracteriza a manutenção uma concepção de texto sob a perspectiva formalista que excluía o sujeito no processamento textual. Heine sugere que a coerência textual seja processada, tendo por base, sobremaneira, os elementos constitutivos do caleidoscópio, pois permitem gerar sentidos diferentes, a depender do ângulo de visão do sujeito do discurso. Por exemplo, caso o leitor se atenha ao contexto imediato (local, situação, suporte textual, a materialidade linguística, a relação entre os interlocutores do discurso etc.), ter-se-á uma leitura que “apenas *repete* ou  *copia* o que está dito no texto. Permanecer neste nível de leitura é agir como se o texto só tivesse informações objetivas inscritas de modo transparente” (MARCUSCHI, 2003),

mas caso o leitor considere a camada linguístico-formal e a camada histórico-ideológica imbricadas entre si, ter-se-á uma leitura:

[...] que considera as *atividades inferenciais* no processo de compreensão, isto é, as atividades de geração de sentidos pela reunião de várias informações do próprio texto, ou pela introdução de informações e conhecimentos pessoais ou outros não contidos no texto. É uma leitura do que vai nas entrelinhas; não se limita à paráfrase nem fica reduzida à repetição. Este horizonte representado pelas inferências constitui o horizonte máximo da produção de sentido. (MARCUSCHI, 2003)

Como já se mencionou anteriormente, o texto, comparado a um caleidoscópio, pode trazer à tona toda essa gama de sentidos e leituras.

## 2. Abordagem teórica e metodológica

Pretende-se, nesta seção, apresentar os procedimentos e critérios que vão nortear e que já estão nortearo a pesquisa em pauta, cujo objetivo geral é a instauração de um novo momento para a LT, denominado provisoriamente de Fase Bakhtiniana, que traz novos olhares, como a transcendência ao apego ao código linguístico e a sugestão de uma nova acepção de texto, lustram-se, a seguir, alguns dos seus objetivos específicos: ampliar a concepção de referenciação a partir de elementos semióticos; analisar a ocorrência de elementos anafóricos e catafóricos por meio de signos icônicos e por fim deixar claro que os aspectos sócio-históricos de cunho eminentemente axiológicos representam elementos constitutivos de qualquer texto, não sendo possível considerá-los uma espécie de dados que se somam do texto. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, que tem como *corpus* charges e tirinhas, extraídas da internet.

## 3. Análises e discussão

Seguindo os critérios definidos na metodologia, será ilustrado apenas um exemplo para análise a fim de aplicar algumas das ideias, consoante a Fase da Linguística Textual sob a Perspectiva Bakhtiniana. É necessário registrar que se pretende pôr em foco

questões discutidas na tradição, a exemplo da concepção de texto e dos processos de coesão e coerência, pautando-se nos objetivos deste trabalho. Veja-se a charge a seguir:

(1)



Disponível em: <<https://amarildocharge.wordpress.com>>. Acesso em: 08 ago. 2015.

Na charge em foco, o processo de referenciação se efetiva, tendo, sobretudo, como alicerce teórico a concepção de texto enquanto “evento dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc)” (HEINE, 2012). Nessa concepção, tenta-se eliminar a dicotomia contexto *versus* contexto, respectivamente o contexto linguístico *stricto sensu*, e o contexto extralinguístico pragmático, haja vista a referida concepção de texto envolver, no mínimo, os elementos do caleidoscópio na sua totalidade. A tese da tríade autor-texto-leitor pode trazer a ideia de segmentação, apesar de Koch (2006) não ter defendido essa tese, justamente pelo seu olhar sociocognitivista. Um dado a ser ressaltado é que o processo de coesão e coerência se efetiva também a partir de signos icônicos, que se imbricam com os signos verbais, munidos de valores axiológicos. Por exemplo, na charge em análise, a expressão, “Acho que a carga já está com o prazo de validade vencida”, tem como las-

tro referencial a carga do caminhão, que contém a “Dilma”, em situação de deterioração. Portanto, não é possível excluir esses signos icônicos do processo de referência, visto que eles podem ocorrer seja como elementos anafóricos ou catafóricos, ou ainda como lastro referencial.

#### 4. Considerações finais

Em conclusão, não se pode deixar de ressaltar a importância singular dessas lacunas que foram focalizadas neste artigo, porque elas podem contribuir com o crescimento científico da Linguística Textual, aliás, as lacunas, em qualquer área de pesquisa, promovem indubitavelmente avanços que trazem em seu bojo informações essenciais à busca de novas reflexões a favor do homem, enquanto inquiridor. O olhar para os signos icônicos, por exemplo, demonstra avanços substantivos na questão dos processos anafóricos e catafóricos, enfim na construção da tessitura textual de um modo geral. Com essa pesquisa, almeja-se escrever um livro, que possa romper os muros do formalismo linguístico, sobretudo no que se refere ao tratamento do texto em sala de aula, instigando os nossos colegas à busca de posicionamentos críticos que possam suprir, na medida do possível, o ensino caótico que ainda perdura no nosso país, em especial nas escolas públicas.

### TEXT LINGUISTICS BASED ON BAKHTIN'S CONCEPTS

**ABSTRACT:** This article aims at going beyond some limited comments that have been made towards Text Linguistics, although its different phases have been recognized. The current reflections are reinforced in the second half of the 20th century when Mondada (1995) presented a new concept for the idea of “reference” including a strong social-cognitive perspective which changed the way the “text” has been considered. However one can still find some restrictions since his analyses only refer to the verbal language, not including the other ones. Besides, there are no comments about ideology and its implications. Therefore a Bakhtinian Phase is suggested when the text is viewed as a social linguistic semiotic event (HEINE, 2012) refuting the dichotomy between the verbal and the nonverbal languages, reflecting about the subject of the discourse and proposing that both cohesion and coherence are also present in iconic signs (nonverbal language).

**KEYWORDS:** Text; Iconic signs; Bakhtinian phase; Reference.

## REFERÊNCIAS

- APOTHÉLOZ, Denis. *Rôle et fonctionnement de l'anaphore dans la dynamique textuelle*. Genève, Tese de Doutorado. Faculté des lettres de l'Université de Neuchâtel, 1995.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHINOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8. ed. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Editura Hucitec, 1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 4. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às teorias do texto e do discurso. In: FARACO, C. A. et al. *Diálogos com Bakhtin*. 4. ed. Curitiba: UFPR, 2007.
- BEAUGRANDE, R. de. *Newfoundations for a science of text and discourse: cognition, communication and freedom of access to knowledge and society*. Norwood, New Jersey: Ablex Publishing Corporation, 1997.
- BENTES, A. C. Linguística textual. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. São Paulo: Cortez, 2001. p. 101-142.
- CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de análise do discurso*. Tradução de Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- COSTA, I. B. Cadeias referenciais no português falado. *Organon: revista da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre - RS*, v. 28/29, p. 33-54, 2000.
- FÁVERO, L. L.; KOCH, I. G. V. *Linguística textual: introdução*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- FIORIN, J. L. (org.). *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2008.
- FIORIN, J. L. (org.). *Notas de aulas*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2009.
- HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. *Cohesion in english*. London: Longman, 1976.
- HEINE, L. M. B. *Aspectos do uso da anáfora no português oral*. Tese de Doutorado. Pós-Graduação do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.
- HEINE, L. Aspectos da perspectiva funcionalista da análise linguística. In: HEINE, L. M. B.; HEINE, P. (org.). *Questões do texto e do discurso*. Salvador: Kalango, 2011.
- HEINE, L.; HEINE, P. *Incursoes sobre a linguística no século XX com foco na linguística textual*. Salvador, EDUFBA, 2012. (Coleção eLivro EDUFBA – PROPCI).
- HEINE, L. M. B.; ALVAREZ, P. H. (org.). *O texto no livro didático de Língua Portuguesa: reflexões e sugestões*. Salvador: EDUFBA, 2014.

- KOCH, I. G. V; TRAVAGLIA, L. C. *Texto e coerência*. 5. ed. São Paulo: Cortez, [1997] 2002.
- KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- KOCH, I. G. V. *Introdução à linguística textual*. São Paulo: Contexto, 2004.
- KOCH, I. G. V. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.
- KOCH, I. V; MORATO, E. M; BENTES, A. C. (org.). *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. São Paulo: Parábola, [1983] 2012.
- MARCUSCHI, L. A. Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2001a. mimeo.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001b.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. (org). *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. *Curso de linguística de texto*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, Mestrado em Letras e Linguística (Notas de aula), 2003.
- MARCUSCHI, L. A. Produção textual, análise de gênero e compreensão. São Paulo: Parábola, 2008.
- MONDADA, L; DUBOIS, D. Construction des objets de discours et categorisation. In: BERRENDONNER, A; REICHLER-BÉGUELIN, M. (org.). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*: SN complexes, nominalisations, anaphores. Suisse: Institut de linguistique de l'Université de Neuchatel, 1995.
- MONDADA, L ; DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização : uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTI, M; RODRIGUES, B; CIULLA, A. (org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea*. Tradução Valdemir Miotello. São Paulo: Contexto, 2008.
- ROSCH, E. Principles of Categorization. In: ROSCH, E; LLOYD, B. (org.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum. 1978, p. 27-48.
- ROSCH, E; MERVIS, C. *Family resemblances: studies in the internal structure of categories*. Cognitive Psychology, 1975, 7, p. 573-605.

SAUSSURE, F. de. *Curso de linguística geral*. 10. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

*Recebido em 12/08/2015.*  
*Aprovado em 23/11/2015.*